

MEMÓRIA DISCURSIVA E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: A RELAÇÃO INTERLINGÜÍSTICA DOS KATITÄUHLU EM AMBIENTES VIRTUAIS

Rita de Cássia Beck de Oliveira¹
Weverton Ortiz Fernandes²

Resumo: A presente pesquisa trata da correlação entre línguas no contexto virtual, mais precisamente, a língua do povo Katitãuhlu em ambientes virtuais. A etnia Katitãuhlu está localizada na região sudoeste de Mato Grosso, entre os municípios de Pontes e Lacerda, Conquista D'Oeste, Nova Lacerda e Comodoro. A pesquisa se desenvolveu com base em dados sem identificação individual dos participantes, que configura o *corpus*, busca, portanto, compreender no contexto digital a relação entre a língua materna, ancestral com a língua portuguesa, ou seja, como as línguas se articulam (diferentes línguas) em formulações de texto escrito e da língua Katitãuhlu. A proposta desta pesquisa se fundamenta na teoria da Análise de Discurso de linha francesa, fundada na França por Michel Pêcheux (1969), e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi (1994, 2010). Mobilizou-se a noção de memória discursiva e condições de produção. Para tanto, segue a pergunta: tendo em vista a língua materna dos povos Nambikwara, a partir da coleta de dados, como a língua portuguesa e a língua materna do sujeito Nambikwara funcionam nos ambientes virtuais de linguagem?

Palavras-chave: Redes Sociais. Memória Discursiva. Língua Katitãuhlu.

MEMORIA DISCURSIVA Y CONDICIONES DE PRODUCCIÓN: LA RELACIÓN INTERLINGÜÍSTICA DE LOS KATITÄUHLU EN ENTORNOS VIRTUALES

Resumen: La presente investigación aborda la correlación entre lenguas en el contexto virtual, más precisamente, la lengua materna del pueblo Katitãuhlu en entornos virtuales. La etnia Katitãuhlu está ubicada en la región suroeste de Mato Grosso, entre los municipios de Pontes e Lacerda, Conquista D'Oeste, Nova Lacerda y Comodoro. La investigación se desarrolló con base en datos sin identificación individual de los participantes, que constituyen el corpus. Por lo tanto, busca comprender, en el contexto digital, la relación entre la lengua materna, la lengua ancestral y la lengua portuguesa; es decir, cómo se articulan las lenguas (diferentes idiomas) en la formulación de textos escritos y en la lengua Katitãuhlu. La propuesta de esta investigación se fundamenta en la teoría del Análisis del Discurso de línea francesa, fundada en Francia por Michel Pêcheux (1969), y desarrollada en Brasil por Eni Orlandi (1994, 2010). Se movilizó la noción de memoria discursiva y condiciones de producción. Para ello, se plantea la pregunta: teniendo en cuenta la lengua materna de los pueblos Nambikwara, a partir de la recopilación de datos, ¿cómo funcionan la lengua portuguesa y la lengua materna del sujeto Nambikwara en los entornos virtuales de lenguaje?

Palabras clave: Redes Sociales. Memoria Discursiva. Lengua Katitãuhlu.

¹ Doutoranda em Linguística (Unemat) e acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Letras Português/Espanhol da UNEMAT – Diretoria de Ensino a Distância (DEAD). E-mail: rita.oliveira@unemat.br

² Professor Orientador Bolsista Capes do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português/Espanhol da UNEMAT – Diretoria de Ensino a Distância (DEAD). E-mail: fernandes@unemat.br.

Introdução

Ao tomarmos o espaço de funcionamento dos dizeres e da língua em um determinado contexto, como a formulação dos dizeres dos Katitãuhlu em aplicativos tecnológicos e sites sociais, estamos propondo uma reflexão sustentada pelo discurso digital, conforme as considerações de Cristiane Dias e Eni Orlandi. É por este contexto que propomos dialogar, portanto, a significação da língua Katitãuhlu. De modo mais específico, pelo fato de boa parte terem acesso a recursos tecnológicos e digitais do mundo atual.

Esse estudo será desenvolvido através dos dados gerados em um formulário, além das conversas nos sites e aplicativos de domínio público. Ou seja, um formulário com perguntas alternativas e, também, discursivas, com o propósito de entender quais as ferramentas de internet costumam utilizar no contexto digital, abordagens quantitativa e qualitativa.

A presente pesquisa adota uma abordagem quantitativa e qualitativa, a partir dos dados coletados na plataforma digital, com o objetivo de compreender como os jovens Nambikwara Katitãuhlu entendem a língua portuguesa em suas atividades sociais, a considerar, principalmente, o seu uso nas plataformas sociais. Além disso, será realizada uma análise dos posts nas diversas plataformas, como Facebook e Instagram.

A língua Katitãuhlu se historiciza distinta da visão europeia, mais ainda, cuja materialidade linguística constitui-se por um sistema bem diferente da língua portuguesa: aspecto tonal é uma delas, uma das razões que nos motiva a empreender um estudo sobre a relação da língua Nambikwara Katitãuhlu com o ambiente virtual, a considerar, sobretudo, sua relação com as diferentes línguas. Para tanto, visamos compreender no espaço da língua nacional o funcionamento da língua secular, senão milenar, aqui designada de ancestral, cujo sistema e cuja historicidade aparentemente não coincidente com o português falado no Brasil: como e de que modo a língua Katitãuhlu funciona e se significa no contexto digital?

Esta pesquisa se justifica, pessoalmente, pela relação estabelecida com os indígenas desde 1998, quando se objetivou a trabalhar com a alfabetização bilíngue e o letramento matemático na escola, a pedido dos próprios indígenas Katitãuhlu da região do Sararé, por meio de uma ONG (MCB - Missão Cristã Brasileira)³. No âmbito teórico, justifica-se por buscar

³ A ONG entrou em contato comigo (Rita) e com o meu seu esposo, que, desde então, permaneceram no território indígena, residindo com eles durante onze anos. Nesse período, o aprendizado sobre a cultura e, principalmente, sobre a língua foi intenso, a ponto de os indígenas nos adotarem como parte de sua comunidade, como um deles, anusu Katitãuhlu.

compreender como no interior de Mato Grosso, no espaço da língua nacional portuguesa, o modo como a língua dos Katitãuhlu funciona nas redes sociais, aplicativos virtuais.

Ao abordar a relação entre a língua portuguesa e a língua Katitãuhlu, a pesquisa também visa contribuir para os estudos de contato linguístico e para a compreensão das dinâmicas identitárias nas comunidades indígenas, mais precisamente, da relação de uma língua com a outra enquanto materialidade histórica.

Filiamos esta pesquisa à Análise de Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux na França e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi. Iremos mobilizar a noção de memória discursiva e condições de produção dos sentidos, com o propósito de compreender a relação entre a língua portuguesa e a língua Katitãuhlu no contexto digital de linguagem.

Os procedimentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa não se limitam a descrição linguística, e tampouco ao da interpretação. Ao analista, o procedimento de análise procede a descrição e interpretação do recorte em questão, ao buscar compreender o funcionamento da memória na formulação dos dizeres, a considerar, também, as condições em que determinados dizeres funcionam.

1. A noção de discurso na materialidade da língua

A Análise de Discurso materialista será o nosso referencial teórico para a análise dos dados, permitindo compreender os processos de significação e funcionamento da língua, em nosso estudo, pela língua Nambikwara Katitãuhlu. A pesquisa se fundamenta, portanto, nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso, de Eni Orlandi (2007, 2008, 2012, 2015, 2022). Mobilizaremos a noção de memória discursiva e condições de produção.

Segundo Orlandi, as formulações dos dizeres e a materialidade da língua constitui-se por algo dito antes, em outro lugar, independentemente, compreendida de memória discursiva. A memória discursiva, desse modo, sustenta a tomada de posição do sujeito em uma determinada conjuntura sócio-histórica-ideológica. Assim, os dizeres, as formulações, a materialidade da língua se significam e funcionam por se constituir em uma ordem, que é a do discurso.

Além da noção de memória discursiva, é importante compreender também, pensando a questão dos dizeres que podem e devem ser ditos em uma determinada conjuntura, sobre a noção de condições de produção. Determinados dizeres se significam conforme a situação discursiva. As condições de produção podem ser estritas, a considerar a materialidade dos

dizeres e da língua, como também pode ser ampla, considerando o período social e histórico os qual os dizeres e a materialidade da língua se constituem.

As noções de memória discursiva e condições de produção, em todo o caso, remete que a linguagem não é estática e, tampouco, uniforme. Desse modo, ao tomarmos a língua enquanto inscrita na história (memória discursiva / historicização), a compreendemos como materialidade significante passível de rupturas e de deslocamentos.

É neste sentido que propomos uma reflexão na materialidade da língua Katitãuhlu em um contexto específico: nas plataformas virtuais, redes sociais e aplicativos, com o propósito de obter dados quanto a significação da língua ancestral dos Katitãuhlu; e suas possíveis articulações a outras materialidades linguísticas, inscritas em uma ordem, a do discurso.

Da perspectiva teórica que assumo, a da Análise de Discurso, e pautada nas pesquisas a que me dedico sobre o discurso digital, entendo que o discurso digital é uma das instâncias dessa mediação, que é também uma mediação entre a linguagem, o pensamento e o mundo, como nos ensina Orlandi (1998). (Dias, 2020, p. 620).

O texto de Orlandi (2010, p. 23)⁴ traz uma análise sobre a linguagem, a interpretação e a forma como os textos, especialmente os discursos eletrônicos, são analisados. Conforme ressaltado a pouco, a autora compreende a língua a partir da materialidade do discurso, isto é, como ela funciona em diversas condições de produção, pela relação com a memória discursiva e, em nosso caso, a considerar no contexto digital e eletrônico da linguagem.

Uma das questões centrais do texto de Orlandi é a ideia de que o discurso, especialmente no ambiente eletrônico, não deve ser entendido como algo fixo ou imutável. O discurso eletrônico, devido à sua natureza interativa e dinâmica, desafia a análise tradicional ao colocar o intérprete diante de uma multiplicidade de sentidos e possibilidades interpretativas.

Em relação a isso, Orlandi (2010, p. 135) observa que “[...] o discurso no ambiente digital é mais fluido, e seus sentidos podem se modificar constantemente, à medida que novos interlocutores entram em cena e alteram o curso da comunicação”. Esse dinamismo torna necessário que a análise do discurso se adapte, considerando as múltiplas vozes.

Além disso, a autora (2010, p. 125) considera que o discurso eletrônico não pode ser analisado como uma mera transmissão de informações, mas deve ser entendido como um fenômeno que envolve a interação contínua entre os sujeitos, as tecnologias e as condições sociais e culturais em que o discurso ocorre.

⁴ em “A Materialidade do Gesto de Interpretação e o Discurso Eletrônico”.

A pesquisadora (2010, p. 139), em seus estudos sobre a materialidade do discurso, considera que “o gesto interpretativo no discurso eletrônico envolve a presença de múltiplas vozes e significados”, o que permite que os sujeitos, nesses espaços, signifiquem suas identidades.

Além disso, Orlandi enfatiza que a língua desempenha um papel crucial nesse processo, funcionando como “uma forma de resistência e de reafirmação da identidade” (Orlandi, 2010, p. 139), ao mesmo tempo em que possibilita a continuidade de saberes e práticas tradicionais. Essa resistência, portanto, não trata da preservação cultural enquanto ato intencional do falante, mas da historicidade da língua no contexto de seu funcionamento, em uma determinada prática.

No Brasil, a língua legitimada é compreendida nos estudos de Orlandi (2017) de língua imaginária, a língua nacional. A língua nacional, conforme a autora, passa pelo processo de legitimação e institucionalização: a língua sistematizada, ou seja, presa a rede de sistemas e fórmulas. Também gramatizada e estática.

A questão da língua materna, oralidade e escrita merece algumas observações. A oralidade, conforme os estudos de Orlandi, enquanto discurso, não configura em sua forma sistematizada: como depreender o funcionamento da língua Nambikwara Katitãuhlu pelas condições de produção do discurso digital? O funcionamento linguístico configura-se em sua homogeneidade ou heterogeneidade?

2. A etnia Katitãuhlu: história e contexto de ensino

Os Nambikwara Katitãuhlu são oriundos do alto do Sararé e habitam a região oeste de Mato Grosso, entre os municípios de Conquista D’oeste, Nova Lacerda, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade. A língua falada pelo povo do Sararé pertence à família linguística Nambikwara. Como aponta Kroeker (2003): “O povo Nambikwara é composto de diversos grupos cada um dos quais é conhecido por seu próprio nome. Todos eles, contudo falam uma variante dialetal da mesma língua mutuamente inteligível com as demais variantes”.

Atualmente, em vários momentos, a língua portuguesa é utilizada para facilitar as relações com órgãos como FUNAI, SESAI, prefeitura, entre outros, que os procuram e até mesmo para relacionarem com outros povos indígenas da região. A língua, desse modo, representa o espaço das relações de força e de resistência. Essa relação ocorre também nas redes sociais, de forma intensa, devido ao avanço da democratização da internet, de modo que a língua portuguesa é o meio principal de comunicação dos Katitãuhlu com outros povos.

O povo Katitãuhlu, atualmente habitam em 7 (sete) aldeias distribuídas em dois territórios, um está em processo de homologação, com 8 mil hectares (Território Paukalirajausu) e o outro é homologado, com 67 mil hectares (Território Sararé). A pesquisa analisa a utilização da língua portuguesa por meio das redes sociais pelos indígenas Katitãuhlu, no período de agosto a novembro de 2024.

Atualmente o povo do Sararé convive com as dificuldades oriundas de uma nação que praticamente foi dizimada por epidemias, devido aos avanços e apropriação de suas terras, os moradores ancestrais, conforme aponta Oliveira (2014).

Atualmente, o povo se autodenomina como “Nütajensu”, e denominados pela FUNAI como “Katitauru”⁵. Segundo censo da população, o povo nos dias atuais está em torno de 107 pessoas. Segundo relato de Almeida 2001, os povos étnicos remanescentes dos Nambikwara do Sararé e Alto Guaporé passaram, desde os tempos coloniais por tentativas frustradas de pacificação (ALMEIDA, 2004, p. 5).

O pesquisador citado, destaca a razão do “Katitauru” designar o nome dos moradores ancestrais que habitam região do Rio Sararé. Sobre a relação com os não-índios, os primeiros contatos foram tensos. Conforme apontado por Costa (2002, p. 68), e por Oliveira (2004) citando Almeida (2001):

A sociedade indígena “Katitauru” iniciou seu contato com a sociedade não-índia por volta do século XVIII. Esse contato se deu com a intenção de adquirir ferramentas agrícolas quando da fundação da Vila Bela da Santíssima Trindade. Esse contato, designado como pacífico se deu por volta de 1960 através de organizações que até nos dias atuais mantém tal contato.

A partir desses contatos, muitas vezes exploratórios, o único meio que os Katitãuhlu entenderam ser importante para sobreviverem seria o aprendizado da língua portuguesa e matemática, através da educação escolar em seus territórios.

Ao mesmo tempo, a língua ancestral desempenha um papel crucial na significação da cultura, e de suas identidades. Para os entrevistados, o uso da língua portuguesa no WhatsApp e no Facebook é necessário para propagar a cultura indígena, comunicar-se com outros povos e, ainda, expandir o alcance de suas vozes na sociedade contemporânea.

No entanto, ao lado do português, a língua ancestral continua a ser um elemento central nas interações entre os indígenas, especialmente no interior das próprias comunidades. Em suas respostas, os entrevistados mencionam que, embora a língua portuguesa seja essencial para

⁵ Essa grafia utilizada pela FUNAI, no entanto estudos atuais como Oliveira (2023) aponta a grafia conforme descrição fonológica da língua dos Katitãuhlu, a qual é utilizada no decorrer deste artigo.

interações externas, a língua ancestral é entendida como materialidade inscrita na história secular dos povos originários, como os Katitãuhlu.

A educação formalizada no território dos Katitãuhlu ocorreu quando a cidade de Conquista D'Oeste se emancipou, em 2002, embora já houvesse o processo de escolarização não formalizado pela MCB⁶ (Missão Cristã Brasileira) desde 1993, por pessoas da organização, membros voluntários⁷.

A escola formalizada teve sua gênese a partir de 1967 quando Heinrich Berg, membro da MCB, foi residir na Aldeia Sararé Central e os indígenas começaram a se despertar para a possibilidade de aprender a leitura e escrita. Segundo relatos da comunidade e líderes indígenas o senhor Heinrich Berg fora o primeiro alfabetizador na aldeia. O indígena Danielsu Katitãuhlu. Em conversas informais, conta, que a escola funcionava nas próprias casas, “sihsu”⁸, indígenas e ele fazia plaquinhas de papelão com letras e números para ensinar os interessados.

Dessa forma, a implantação de um processo de ensino escolar passou a ser efetivamente empreendida pelos indígenas com a chegada da pedagoga contratada pela missão a qual atuou na referida aldeia com dedicação exclusiva no ensino escolar durante os anos de 1995 a 1998. Por um tempo a própria Funai (Fundação Nacional do Índio) estabeleceu a escola na aldeia, porém ela retornou aos cuidados da MCB.

Nesse período a professora pedagoga apresentara na Secretaria Municipal de Educação de Pontes e Lacerda a primeira proposta para uma escola indígena “diferenciada” com uso da língua materna na oralidade e na escrita, além da língua portuguesa. Tal proposta obtivera a anuência daquela Secretaria e da comunidade dos Katitãuhlu. A narrativa de um Katitãuhlu que foi alfabetizado pelos membros voluntário da MCB narrou a importância da educação escolar em seus territórios.

Os indígenas são capazes e estão estudando. Por que eles estão estudando? Se você não tem escola não traz conhecimento. Sim, escola traz sabedoria. A escola traz o poder de mudar alguma coisa, para mudar a cultura e trazer melhoria dos povos indígenas [...]. (Professor Reginaldo Katitauru: alfabetização em Língua Materna, 2024).

⁶ A MCB é uma organização não governamental que trabalha com projetos sociais com o povo Katitãuhlu desde a década de 60. O presidente da Missão que iniciou o trabalho naquele tempo faleceu

⁷ A autora, juntamente com o esposo Sérgio Beck de Oliveira ficaram como voluntários trabalhando a educação escolar e a estabelecendo durante 11 anos residindo nos territórios dos Katitãuhlu (1998 a 2009).

⁸ Casa, na língua Katitãuhlu.

Nos primeiros tempos fora construído pelo Banco Mundial em várias Terras Indígenas um prédio escolar que já era um barracão velho, conforme a figura abaixo, e bem desgastado. Segundo Oliveira (2023, p. 49), uma das primeiras construções do espaço da educação escolar para os indígenas foi feita por meio de um Projeto elaborado pelo Banco Central, naquela situação, para indenizar os povos Nambikwara de todo o Vale do Guaporé, devido a passagem da BR 174 em meio às suas terras.

Atualmente as escolas indígenas têm muitos alunos alfabetizados, vários formados no Projeto “Hayo” que se constituiu de um curso do nível médio para o magistério indígena, e vários outros que já possuem o Ensino Médio completo, além de um acadêmico do curso de pedagogia e uma acadêmica na FAINDI⁹

A alfabetização nas aldeias acontece em língua indígena desde sua implantação, sendo uma construção conjunta entre professores, alunos e comunidade. Esta sempre expressou o interesse do aprendizado da Língua Portuguesa para facilitar os contatos formais e informais com a sociedade envolvente, seja na elaboração de documentos, na defesa de suas terras, na administração de seus próprios projetos de vida, no gerenciamento de suas terras, na luta contra a dominação, na conquista da autonomia e na reafirmação da identidade cultural.

Assim a escola deverá tratar de assuntos que valorizem a língua e a cultura, assegurem a autoafirmação do povo, preservem ou transformem seus próprios valores, saberes e jeitos de viver, auxiliem na expressão oral e escrita da língua materna e portuguesa, além de contribuir com a construção de conhecimentos universais necessários aos projetos de vida das comunidades.

A pesquisa se desenvolveu por meio de questionários via Google Forms com 11 indígenas, conhecedores do repertório linguísticos tanto da língua ancestral quanto da Língua portuguesa, trouxe à tona uma visão significativa sobre como a língua portuguesa e a língua ancestral Katitãuhlu são compreendidas. Com base nos pressupostos de Eni Orlandi sobre a materialidade e o gesto de interpretação no discurso eletrônico, podemos compreender como as línguas indígenas convivem e se entrelaçam com a língua portuguesa no ambiente virtual.

3. A leitura de arquivo pelo viés discursivo

⁹ Além da estudante ter formação no “HAYO” está vinculada a Faculdade indígena que funciona em Barra do Bugre instituição vinculada a Universidade do estado de Mato Grosso.

A presença de povos indígenas nas redes sociais tem suscitado interesse crescente em compreender como eles utilizam essas plataformas para se comunicar e interagir. Neste contexto, o nível de escolaridade e o perfil dos indígenas que participam dessas plataformas, especialmente no que diz respeito ao uso da língua portuguesa, constituem um tema relevante para estudos linguísticos e socioculturais. No caso dessa pesquisa tivemos um olhar dessa interação do povo Katitãuhlu.

A coleta de dados a ser socializada adiante indica que a maioria dos indígenas que participaram das redes sociais possui formação no ensino fundamental. Esse dado é significativo, pois revela que mesmo com um nível de escolaridade relativamente baixo, os indígenas estão se apropriando das tecnologias digitais e utilizando a língua portuguesa para se comunicar.

Destaca-se que o perfil dos sujeitos indígenas Katitãuhlu, participantes da pesquisa, que utilizam as redes sociais são jovens entre 18 a 40 (quarenta) anos e buscam nesses espaços expressar suas identidades e interagir com indígenas de outras etnias e com os próprios Katitãuhlu de outras aldeias.

Todos os indígenas participantes da pesquisa são bilíngues, falam a língua ancestral e a língua portuguesa, ou seja, dominam tanto a língua materna quanto a língua portuguesa. Essa característica influencia diretamente a forma como eles utilizam a linguagem nas redes sociais, alternando entre as duas línguas de acordo com o contexto e a interação.

No que concerne a utilização da língua portuguesa, a relação dos indígenas com a língua portuguesa é complexa e multifacetada. Por um lado, a língua portuguesa é a língua oficial do Brasil e é utilizada em diversos contextos sociais, incluindo a escola e o trabalho. Por outro lado, muitos indígenas possuem uma forte identidade linguística e cultural, valorizando suas línguas maternas, razão pela qual a cultura não é homogênea (Certeau, 2012).

Nas redes sociais, os indígenas utilizam a língua portuguesa de forma criativa e inovadora, adaptando-a às suas necessidades e realidades. É comum encontrar neologismos, expressões idiomáticas e variações linguísticas que refletem a diversidade cultural e linguística dos povos indígenas. A interação com a sociedade ocorre mediada pela língua portuguesa.

Socialmente, é pela língua portuguesa a interação nas redes sociais.

Figura 1: interação nas redes sociais



Fonte: print da autora Facebook (2024)

Observa-se nessa formulação que os dizeres se estruturam na materialidade da língua portuguesa. O contexto digital, pela formação discursiva, determina que ao sujeito sua significação pela forma como a materialidade da língua se institui nas condições de produção em que aparece: o contexto da língua nacional.

Conforme os procedimentos metodológicos da Análise de Discurso, se colocarmos em relação a outra forma de dizer, por exemplo, o da língua materna do sujeito *Katitãuhlu*, a significação em relação ao outro, sujeito falante da língua portuguesa, já não se significaria. Desse modo, o espaço virtual na relação com o outro, sujeito falante da língua portuguesa, determina o que pode e deve ser dito, conforme a concepção de formação discursiva de Eni Orlandi (2015).

Além disso, as relações com o social perpassa, também, com o campo da política. Atuantes, entre a muitas formas de divulgação os sites de relações sociais ocupam papel de destaque.

Figura 2: interação nas redes sociais



Fonte: print da autora Facebook (2024).

Organizamos no google forms uma pesquisa para analisar como ocorre, na perspectiva dos Katitãuhlu a utilização da língua portuguesa. Analisamos as respostas e compartilhamos os resultados da pesquisa.

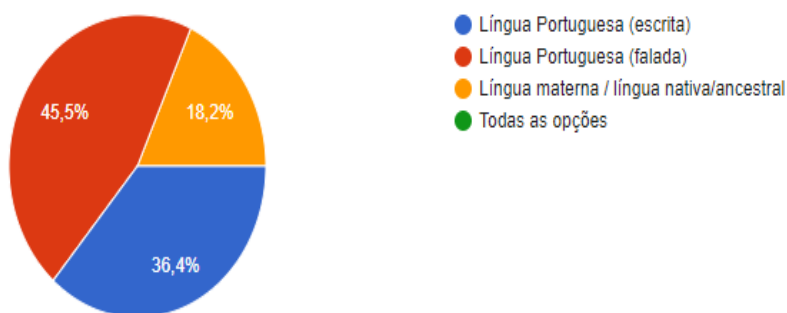
Conforme os dados do formulário, (9,1%) estudou até o 6º ano, e a maioria até o 5º (45,5%). Sobre a visão de si enquanto entendedor da língua portuguesa, temos:

Figura 3: dados sobre a língua portuguesa como segunda língua.

2 Ao interagir nos ambientes virtuais (facebook, instagram, whatsapp) com os falantes de sua etnia, a conversa costuma ser em qual língua?

[Copiar gráfico](#)

11 respostas

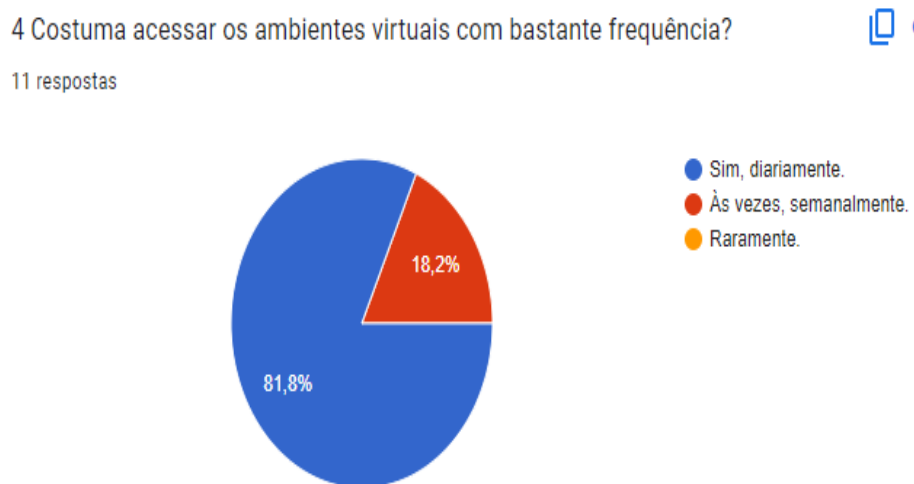


Fonte: elaboração dos autores com base no google forms.

Quanto a importância da língua portuguesa para o seu povo, a resposta foi unânime: a maioria entende como importante. Presume-se que a relação com o outro no contexto social e virtual passa pelo conhecimento da língua portuguesa na significação de si.

Em outro dado, com relação a frequência de acesso aos ambientes virtuais, a maioria dos jovens estudantes costumam acessar a internet.

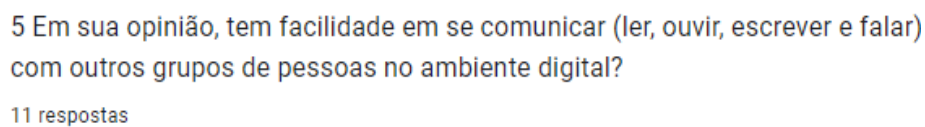
Figura 4: dados sobre a língua portuguesa como segunda língua.



Fonte: elaboração dos autores com base no google forms.

Um dado relevante é sobre a interação: a maioria interage com outros falantes no contexto digital. Quanto às quatro habilidades, adiante temos:

Figura 5: dados sobre a língua portuguesa como segunda língua.



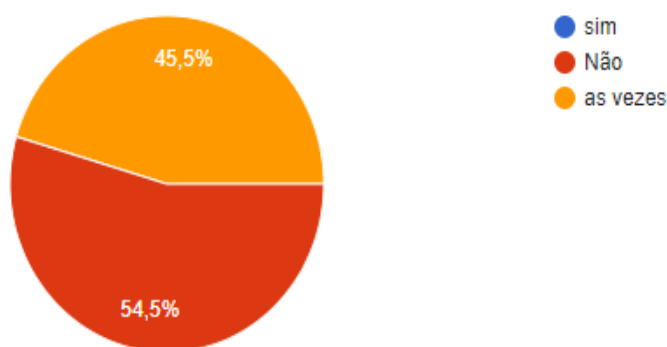
Fonte: elaboração dos autores com base no google forms.

Conforme os anexos, os dados apontam que o sujeito indígena entendem a língua portuguesa como segunda língua. Além disso, costumam acessar diversos sites sociais, como o instagram, facebook, tik tok. Tratam da língua portuguesa como um dos meios de comunicação com a sociedade, interação com os povos não falantes de sua língua materna. De modo razoável, a língua é um desafio para navegar na internet, como aponta os dados adiante.

Figura 6: dados sobre a língua portuguesa como segunda língua.

10 A língua Portuguesa atrapalha você acessar a internet?

11 respostas



Fonte: elaboração dos autores com base no google forms..

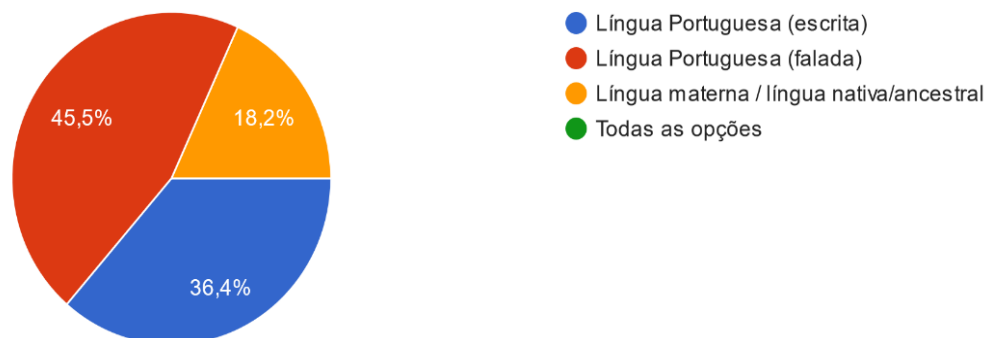
Os resultados das pesquisas sobre o uso da língua portuguesa nas redes sociais por indígenas têm importantes implicações para a educação e a política linguística. É fundamental que as escolas indígenas e as políticas públicas de educação valorizem a diversidade linguística e cultural, promovendo o bilinguismo e a educação intercultural.

Como forma de reiterar o que foi dito, a maioria dos estudantes, conformes os dados, concluíram o fundamental II, e mais de 60% são do gênero masculino, dos quais consideram falantes fluentes da língua portuguesa. Outro dado importante, de extrema relevância, a língua que costumam utilizar nas interações sociais.

Figura 7: dados sobre a língua portuguesa como segunda língua.

2 Ao interagir nos ambientes virtuais (facebook, instagram, whatsapp) com os falantes de sua etnia, a conversa costuma ser em qual língua?

11 respostas



Fonte: elaboração dos autores com base no google forms.

O português escrito nas plataformas sociais ocupa uma taxa de 36,4% por parte dos jovens alunos. A língua portuguesa falada, como em aplicativos, por exemplo, é maior: 45,5%. Também se faz presente a comunicação na língua materna, em torno de 18,2%, conforme o formulário gerado a partir do acesso e das respostas dos estudantes Nambikwara.

O que temos até então são os dados referentes à relação do sujeito com a língua no contexto digital. Até aqui, o estudo não trata da materialidade da língua senão da significação do sujeito pela sua relação não com a língua, mas com as línguas. Tanto no contexto pessoal quanto no digital, a língua portuguesa e a língua materna Katitãuhlu convivem em contexto específicos, pela relação de interlocução com o outro.

Assim, os discursos eletrônicos dos indígenas revelam como a formação imaginária não é fixa, mas sim um processo dinâmico, onde os sujeitos buscam reafirmar sua identidade cultural enquanto resistem às pressões de homogeneização impostas pela modernidade tecnológica. Ao utilizarem a língua portuguesa como meio de comunicação externa e a língua ancestral como um instrumento de preservação interna, os Katitãuhlu exemplificam a complexidade dessas formações imaginárias. Como Orlandi argumenta, "o gesto interpretativo no discurso está profundamente ligado à posição imaginária que o sujeito assume e às condições de produção do discurso" (Orlandi, 2005, p. 111).

Esse processo também evidencia o papel das tecnologias digitais como espaços de resistência cultural, permitindo que os sujeitos indígenas adaptem, preservem e ressignifiquem suas práticas tradicionais em um mundo cada vez mais conectado. Dessa forma, a formação imaginária, enquanto conceito-chave, oferece um enquadramento teórico essencial para compreender as interações linguísticas e culturais no contexto digital.

Partindo desses pressupostos o material produzido pelos indígenas no Google Forms produziram algumas análises à luz do texto de Orlandi sobre a utilização discurso eletrônico pelos Katitãuhlu. Isso envolveu uma reflexão sobre as interações linguísticas mediadas pelas tecnologias digitais, como o WhatsApp, Face book, kawai e outras redes sociais.

No contexto do discurso digital, a língua portuguesa serve de suporte para o diálogo entre os indígenas e a sociedade não indígena. Como Orlandi (2010, p. 133) afirma, o gesto de interpretação é sempre condicionado pelo contexto social, e a língua usada nos discursos eletrônicos reflete essas condições. Ao utilizarem o português, os indígenas se inserem num processo de mediação cultural, em que buscam não só entender as outras culturas, mas também fazer-se entender, levando suas questões e realidades para além das comunidades, utilizando as plataformas digitais como amplificadores de sua presença social. Assim, o português se revela como um instrumento de inserção, de negociação e, muitas vezes, de resistência, dado o histórico de marginalização dessas populações.

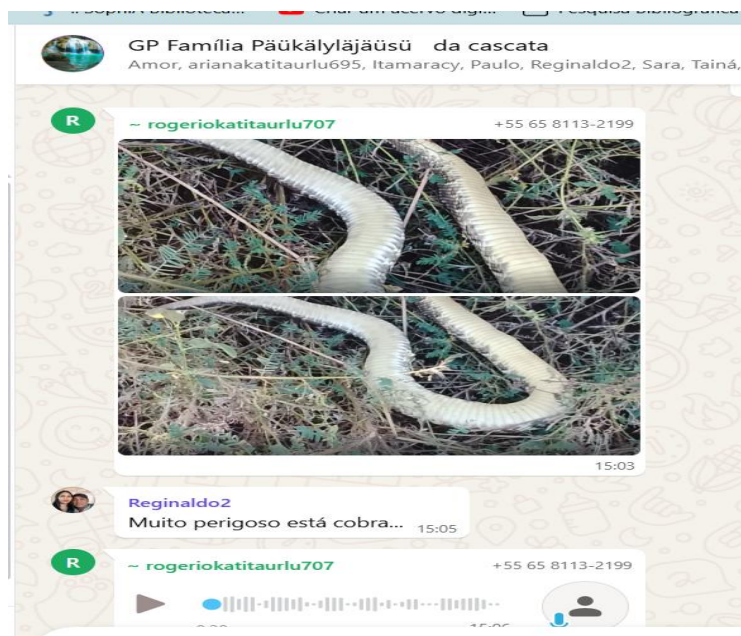
Em síntese, os dados colhidos por meio da pesquisa apontam para a não homogeneidade linguística, onde a língua portuguesa e as línguas ancestrais se significam de modo não mútuo, ou seja, em contextos distintos. A língua portuguesa possibilita o diálogo com outros povos e a disseminação da cultura indígena, enquanto a língua ancestral, a materna, é formulada entre os próprios, vital para a sua continuidade.

4. A relação entre línguas: materialidades discursivas

Faremos uma breve consideração sobre a questão da materialidade das línguas no contexto digital: a língua materna, ou melhor, a língua secular compreendida como ancestral, ágrafa, de que modo funciona no ambiente virtual? Nos dados coletados, funciona em aplicativos cuja fala é possível ser empreendida, não sendo possível, portanto, pela escrita.

Adiante, sobre a materialidade dos dizeres, apresentamos a transcrição de uma das conversas dos Katitãuhlu, alunos, estudantes da educação básica, conforme transcrição feita a seguir: “[a 'sĩ kō sɛʁ'teza 'puʁkɪ 'õʦjĩ 'anɐ,na 'anaseu fa'zɛʁ vi'zɪtɐ 'ẽ 'sɛʁɐ 'la 'na 'ka'za 'da 'mɪnɐ 'sɔgrɐ 'ɔrɐ 'desɐ 'taʁde'zɪnɐ 'ajtunɐ]” (Falante 1 no grupo da família, 2024).

Figura 8 – Conversa entre os Katitãuhlu no contexto digital



Fonte: print da autora Whatsapp (2024).

A formulação dos dizeres pelo aplicativo utilizado permite tanto o uso da língua falada quanto da língua escrita. Podemos destacar que a conversa gira em torno do universo dos povos originários, neste caso, trata-se de uma serpente que apareceu em um local onde um dos estudantes residiam.

O primeiro ponto é quanto a materialidade da escrita: acontece na língua nacional. Conforme transcrição realizada acima, a materialidade da língua materna acontece ao mesmo lado da língua portuguesa (língua nacional). O que há é uma mistura de línguas na formulação da língua falada entre os estudantes.

Neste mesmo sentido, quanto à outra transcrição a seguir, ela consiste no funcionamento discursivo de tradição ocidental cristão, ao mesmo tempo que a tradição linguística, a língua oral, de tradição ancestral, materializa no aplicativo do whatsapp: “[æy tʃiɔmãnyɣy nãʊtʃʊdʊrðɫigʊ kaɬʊtaɯadɪnaɪhəɪ nɛmɔiʃnʊdʌʃp....]”. (Falante 2 no grupo da família, 2024).

Figura 8 – Conversa entre os Katitãuhlu no contexto digital



Fonte: print da autora Whatsapp (2024).

Observa-se que o texto escrito materializa a ideologia cristã pela formulação “Que benção de Deus [...] Matilde deus abençoe ela”, ou seja, junto a língua, a ideologia se materializa no sujeito, também regido pela cordialidade, conforme substantivo de saudação “boa noite”.

O que se pode depreender é de que as línguas articulam entre si nos contextos específicos da linguagem. A historicidade, a memória da língua em confronto com a memória da língua nacional, através do português falado no Brasil se apresentam, por essas condições de produção, na ordem do discurso digital, um entrelaçamento. Há situações sociais, por familiaridade, a língua Nambikwara Katitãuhlu é falada entre os sujeitos, e em outras situações, é o português a língua consideravelmente utilizada.

Em suma, a pesquisa visou explicitar, também, uso das redes sociais e dos aplicativos de mensagens por parte dos indígenas para interagirem com seus pares e compartilhar conhecimentos e informações sobre suas culturas. O uso de plataformas como o WhatsApp e o Facebook, conforme apontado pelos entrevistados, permite que as línguas indígenas sejam vivenciadas e praticadas em um espaço global, criando uma espécie de "comunidade digital" que não está restrita aos limites territoriais da aldeia, mas que se estende para um público maior.

Considerações Finais

Há uma ruptura com o discurso digital no sentido de que este discurso não se caracteriza apenas pela língua dominante, hegemônica, como a língua inglesa, a língua portuguesa, o aportuguesamento das línguas europeias nas diversas plataformas digitais. Mais ainda: trata-se de uma materialidade linguística cuja historicidade se constitui para além da língua fluida, configurando, no espaço do discurso digital, a heterogeneidade linguística do Katitãuhlu.

Dito de outro modo, além de não ser institucionalizada, além de não ser legitimada pelo Estado, a língua ancestral Katitãuhlu, compreendida como uma materialidade que carrega consigo séculos e milênios de história, rupturas, deslizamentos, silêncios, registros dos quais não temos, mas falada nas plataformas digitais na atualidade. É o invisível, o desconhecido se materializando nas formulações.

A língua ancestral funciona não apenas como um meio de comunicação, mas também como um símbolo de resistência e um veículo de continuidade de saberes e práticas tradicionais. Como Orlandi (2010, p. 139) sugere, o gesto interpretativo no discurso eletrônico envolve a presença de múltiplas vozes e significados, o que no caso das línguas indígenas funciona como uma resistência e de reafirmação da identidade. A língua ancestral, portanto, não é apenas uma língua de comunicação entre os pares, mas uma forma de resistência à homogeneização cultural que pode ser promovida pelas tecnologias digitais.

Dessa forma, Orlandi (2010, p. 141) destaca que o discurso eletrônico tem uma materialidade própria, pois é simultaneamente uma produção social e técnica, em que as linguagens tradicionais e digitais se intercalam, criando formas de interação. Nesse contexto, as línguas indígenas não são apenas preservadas, mas também reinterpretadas e ressignificadas nas interações digitais, onde a ancestralidade se encontra com as novas tecnologias.

Além disso, a língua ancestral no contexto do meio digital configura-se também um ato político, conforme, Eni Orlandi sustenta em seus estudos. Ao utilizarem suas línguas nas plataformas digitais, os indígenas não apenas ressignificam o espaço da comunicação online, mas também afirmam a continuidade e a vitalidade de suas culturas em um contexto globalizado, aferindo, também, a sua identidade.

O uso da língua portuguesa, embora essencial para a interação do Katitãuhlu com o "mundo exterior", não apaga a importância da língua ancestral. Pelo contrário, a coexistência das duas línguas é um exemplo claro de como a dinâmica de poder no discurso eletrônico pode ser transformada, permitindo que as vozes indígenas, por meio das tecnologias, reivindiquem seu espaço e se articulem no mundo contemporâneo.

Compreende-se que, o funcionamento linguístico se constitui pela relação com o outro pela natureza da língua: escrita ou falada. Com o sujeito falante da língua portuguesa, é a língua portuguesa na formulação dos dizeres utilizada. Com o sujeito da língua ancestral *Katitãuhlu*, é a língua que funciona quando falada, como em aplicativos que permite tal uso, como o WhatsApp. Já a língua portuguesa entre os sujeitos *Katitãuhlu*, observa-se constantemente seu uso restrito à escrita.

Ao explorar os processos discursivos de significação ao sujeito *Katitãuhlu*, a pesquisa respondeu a questionamentos sobre a língua materna em ambientes virtuais. Trata-se de uma resistência linguística cuja historicidade de sua língua, a ancestral, significa e se ressignifica em outras condições de produção, como a do contexto digital.

Em suma, este estudo sublinha a importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística e cultural pelo ambiente digital. A pesquisa explicitou, portanto, a coexistência entre duas línguas (língua portuguesa e a *Katitãuhlu*): ambas não se complementam, não se articulam uma à outra, mas ocupam lugares sociais e discursivos próprios.

Referências

ALMEIDA-Neto, Prudente Pereira de. **A sabedoria Katitauru como representação da comuniversidade: diálogo intercultural**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no plural** / Michel de Certeau; tradução de Enid Abreu Dobránszky. 7ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. – (Coleção Travessa do Século).

COSTA, Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da. **Senhores da memória: uma história do Nambiquara do Cerrado**. Cuiabá: Unicen; Unesco, 2002.

OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de. **O papel da guerra de Biafra na construção do estado nigeriano: da independência à segunda república (1960-1979)**. Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados, v. 3, n. 6, p. 45-68, jul./dez. 2014.

ORLANDI, E. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, C. (Org.). **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 123-145.

ORLANDI, E. **Gestos de Leitura: da História no Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.